

ELOGIO A JACQUES LACAN

Wilson Castello
de Almeida

ELOGIO A JACQUES LACAN

Copyright © 2017 by Wilson Castello de Almeida
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Neris**
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**
Capa e diagramação: **Santana**
Impressão: **Geográfica Editora**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Prefácio	9
1. Por que escrevi este livro	11
2. Paráfrase da carta roubada	19
3. Fragmentos teóricos da formação de Lacan	23
4. O homem contemporâneo	35
5. Lacan, a linguagem e os conceitos	41
6. Vocabulário conciso dos conceitos	51
7. Sócrates: o primeiro psicanalista	69
8. Da psicose paranoica: a tese	77
9. O método fenomenológico-existencial e as críticas feitas por Lacan	83
10. Esquemas operadores do campo psíquico em Lacan	99
11. O Édipo lacaniano na psicanálise contemporânea	119
12. Três temas nodais: estrutura, significante, sujeito	131
13. A questão da psicose – A dialética do delírio, sobre a forclusão	141
14. O caso Schreber	151
15. O caso Joyce	157

16. Formulação do <i>Seminário 10</i> – Angústia, o afeto que não engana	165
17. Formulação dos <i>Seminários 1 e 11</i> – O mestre dá a resposta quando os alunos já estão prontos para encontrá-la	169
18. Formulação do <i>Seminário 20</i> – As questões da sexualidade humana	175
19. O diálogo terapêutico	197
20. O discurso catártico	205
21. Entrecruzamento dos silêncios	221
22. A morte segundo Lacan	237
23. A dialética do senhor e do escravo – A fenomenologia do espírito de Hegel e a psicanálise de Lacan	243
24. Estratégias clínicas	249
Referências bibliográficas	257
Bibliografia lacaniana	261

Prefácio

Lacan e o real muito além da realidade

“Deveis, pois, à loucura todos os bens que já se introduziram no mundo, todos esses bens que estais gozando e que tanto contribuem para a felicidade da vida.”

ERASMO DE ROTTERDAM, *Elogio da loucura* (1509)

UM ELOGIO A LACAN nos tempos que correm parece algo de um tanto... louco. Em uma era pragmática, tão preocupada com a gestão eficaz, com os resultados concretos e contabilizáveis, com o tratamento técnico-científico de todas as questões humanas e com a busca incessante de uma sempre precária excelência, qual o sentido de ainda se evocar a obra de um autor que nos recorda, a partir de Freud, que nossa existência real se ancora em uma “Outra cena”?

Para nossa ótica pós-utópica, os dados parecem já terem sido definitivamente lançados e o mundo, tal como a Coca-Cola, “é isso aí”. Algo simples, autoevidente, a que devemos nos adaptar, como a uma realidade inexorável, e do qual devemos desfrutar com humildade, segundo a modalidade de um gozo imediato, que se consome no próprio instante em que se realiza. Nessa cultura dominante, os sonhos, os desejos, as paixões são ingredientes fundamentais para a propaganda, para a mídia, para a indústria do *entertainment*. Mas não fazem parte, de fato, da vida. Eles servem apenas ao divertimento e aos pequenos parênteses de consolo que nos concedemos na esperança de que a existência possa ser “outra coisa” e não apenas “isso aí”. Na vida cotidiana, esses tolos idealismos atrapalham o serviço, prejudicam a eficácia.

Entretanto, é justamente de um autor assim que este livro faz o elogio. Lacan da linguagem, da escuta, da falta impreenchível, da singularidade pela qual cada um é responsável. Aquele que nos fez ver que o sujeito não se con-

funde com a imagem que faz de si mesmo, mas é o que se exprime sempre de contrabando, de forma excêntrica, em momentos fugazes de abertura nos quais se manifestam seu desejo e fantasia. Esse sujeito lacaniano é apenas suposto, incoerente e incompleto, em busca de um outro capaz de reconhecê-lo em sua radical diferença e que funcione como testemunha de que ali se exprime em ato a verdade única daquele ser marcado pela linguagem.

Wilson Castello de Almeida assume esse risco por própria conta e apresenta ao leitor uma visão geral, ampla e apaixonada da vida e do pensamento de Lacan. Ele incorpora sem dissimulações seus próprios pontos de partida e suas surpresas na descoberta da obra daquele grande psicanalista. Estão presentes as preocupações de alguém provindo do campo psiquiátrico, que frequentou a leitura e as práticas de outros autores psicanalíticos, que fez a descoberta em si próprio da pertinência radical dos postulados lacanianos mais fundamentais.

Em momento nenhum o autor dissimula uma pretensa neutralidade objetiva em face de Lacan – o próprio título explicita desde o início essa posição intelectual e ética. Dessa forma, o leitor poderá se beneficiar de uma apresentação geral do campo lacaniano escrita com a pena do esforço do rigor, mergulhada na tinta da paixão (*Brás Cubas dixit*).

Nesse mundo da objetividade e no qual o sucesso narcisista do eu constitui a melancólica atualização da transvalorização de todos os valores, um livro que busca transmitir o vigor do pensamento de Lacan na forma de um elogio não deixa de ser uma loucura. Wilson Castello de Almeida está louco ao redigi-lo. Eu estou louco por escrever o seu prefácio! E você, leitor, está louco por lançar-se à descoberta de um autor cuja obra fundamenta-se em demonstrar que o Real está muito além dessa nossa pequenina realidade cotidiana. Ou seja, ainda resta uma esperança.

Boa leitura, translacano leitor.

Mario Eduardo Costa Pereira

Psicanalista, psiquiatra, professor titular de
Psicopatologia Clínica pelo *Laboratoire de Psychopathologie
Clinique et Psychanalyse* da Aix-Marseille Université (França)

1. Por que escrevi este livro¹

EM 50 ANOS DE clínica psiquiátrica, houve o tempo de entusiasmar-me pela obra de Jacques-Marie Émile Lacan.

Inscrevi-me, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, no curso “Teoria, técnica e estratégias especiais em psicanálise” e por três anos dediquei-me aos estudos teóricos, ao atendimento clínico e subsequente supervisão e à produção de uma dissertação que, ampliada, resultou neste livro.

A coordenadora do curso foi a professora doutora Maria Lúcia de Araújo Andrade, uma presença balizadora, exigente e firme em seus propósitos programáticos. Como orientadora da dissertação de conclusão de curso, conduziu-me com maestria pela leitura de Lacan, permitindo-me conhecer de perto as ideias da vanguarda psicanalítica nesta entrada de milênio.

Em correspondência, frequentei o divã do reconhecido Carlos Augusto Nicéas, psicanalista rigoroso, que acompanhou por seis anos o meu experimento analítico, dando-lhe lastro.

E também recebi as bênçãos do meu contemporâneo de faculdade de medicina (UFMG), Francisco Paes Barreto, psicanalista da Associação Mundial de Psicanálise (Paris), generoso amigo e incentivador de minha caminhada.

O objetivo da dissertação era o de focar as leituras lacanianas sobre dois casos de psicose. O primeiro deles é caracterizado por surtos clássicos da doença, bem conhecidos da psiquiatria – o caso Schreber; no outro, formatado de modo insuspeitado, a loucura se torna obra literária – o caso

1. Psicoterapeuta reconhecido no âmbito científico-cultural de São Paulo, de forma singular não se filia a sociedades de psicanálise sob o alinhamento burocrático da IPA (Londres) ou AMP (Paris). A profissionais sem esse tipo de relação institucional, Elizabeth Roudinesco (1994) prestou homenagem com a frase: “Esses praticantes e seus analisandos, é provável que deem força, uma vez mais, à invenção freudiana”.

Joyce. Como peculiaridade, o fato de que ambos estão cingidos por um denominador comum: a estrutura psicótica.

A razão do meu interesse pelo assunto prende-se à minha formação médica, marcada pela consciência de que, por certo tempo, a psiquiatria, em virtude da dificuldade de se definir como ciência, esteve ameaçada de extinção. E de que, no momento, a expansão das neurociências, com acesso aos códigos genéticos e à função dos neurotransmissores, passa a ser nova ameaça de idêntico teor. O entusiasmo pela psicofarmacologia, adredemente estimulado pelo *lobby* dos laboratórios farmacêuticos, já determinou a profecia: todas as especialidades médicas indicarão e receitarão os remédios num formidável reducionismo (antítese de certo reducionismo psicanalítico) e numa ampliação social inquestionável.

Não se podem negar os notáveis progressos da cozinha farmacológica, cujo resultado está na diminuição das internações hospitalares, na ampliação do tratamento ambulatorial e na sustentação médica dos pacientes psiquiátricos em regime de psicoterapia. Os próprios puristas do espaço psicológico cedem às evidências, como o psicanalista Jarbas Portela, que é enfático ao afirmar:

Finalmente a psiquiatria, apoiada na biologia molecular, quebra mais uma vez o orgulho humano. Se o homem deixou de ser o centro do universo (Copérnico), se deixou de ser senhor em sua própria casa, teleguiado pelo inconsciente (Freud), se não fez a sua história (Marx), agora é produto da variação de substâncias químicas e circuitos neuronais, suprema humilhação até hoje não assimilada.

Nesse quadro, um fôlego é dado às psicoterapias e à psicanálise: elas se encarregarão de cuidar de mais uma ferida narcísica posta na evolução do homem, entre outras tantas que perturbam a mente no decorrer dos milênios.

E a psiquiatria?

O psiquiatra e psicanalista Antônio Beneti brindou-nos com o artigo “Psiquiatria lacaniana?” (1993), no qual desfila os significantes emergidos

das instituições públicas de saúde mental de Minas Gerais – psicose, psiquiatria, psicanálise, apresentação de enfermos em reuniões clínicas, diagnóstico, prognóstico, internar ou não internar, medicar ou não medicar, tratar em psicoterapia ou fazer análise... –, num deslizamento que leva às contribuições de J. Lacan no que diz respeito ao doente psicótico.

Lacan foi o psicanalista que não esqueceu sua formação médico-psiquiátrica; ao contrário, incorporou a questão psiquiátrica da psicose aos debates psicanalíticos, não abandonando a prática – tradicional nos hospitais universitários da Europa e também do Brasil – de fazer a chamada “apresentação clínica de doentes”.

Essa participação de Lacan, entrevistando os pacientes diante de um auditório de médicos, residentes em psiquiatria e outros interessados, no entanto, era diferente da tradicional clínica médica.

Psiquiatra do Hospital Sant’Anne, ele mantinha as apresentações clínicas para dialogar com o paciente da semana e, assim, demonstrar como podia ler seu discurso. Sua visão psiquiátrica/psicanalítica exigia um diagnóstico. Mas não o diagnóstico objetivista da velha psiquiatria, menos ainda o mecanicista da psicanálise do Ego. Lacan queria tocar o “sujeito” no ser doente. Há um apelo que se faz por meio de J. A. Miller (1997 , p. 523): “Para ser lacaniano é preciso estudar a clínica”. Essa frase tem um sentido especial, pois não se está propondo estudar somente a clínica psiquiátrica e a clínica psicanalítica de Freud; a referência que se faz é ao estudo da clínica conforme Lacan.

Em minhas leituras inaugurais, pude detectar três Lacans: o filósofo, o retórico e o clínico capaz de ver e ler a psicanálise de outro modo.

O **filósofo** remete-nos à dialética, à fenomenologia, a Hegel, a Freud, a Heidegger, a Descartes, a Kant e outros – e o faz com o brilhantismo próprio da cultura humanística francesa e um estilo com as peculiaridades que a língua francesa lhe permitia.

Ainda que possamos encontrar em Freud e em Lacan uma crítica à filosofia, tal fato não exclui essa matéria da elaboração mais fina das ideias desses dois pensadores. A crítica inteligente, pertinente, e até mesmo algu-